

EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE ZIKA VÍRUS

ARAGÃO, Herifrania Tourinho¹
SANTOS, Suelen Maiara dos²
MENEZES, Alef Nascimento³
MADI, Rubens Riscala⁴
SOUZA, Geza Thais Rangel⁵
MELO, Cláudia Moura de⁶

RESUMO

O objetivo do estudo foi identificar e analisar as dificuldades dos professores na abordagem da educação sexual, assim como a relevância em discutir o Zika vírus neste contexto. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa na qual participaram 50 professores de duas escolas públicas estaduais de Sergipe, que responderam a um questionário semiestruturado. Foi utilizada a análise de conteúdo para criar as categorias e o teste exato de Fisher para verificar as relações entre as variáveis que compunham os fatores de dificuldades de abordar a educação sexual em sala de aula entre as duas escolas. Os resultados apontaram que 38% dos professores não abordam o tema sexualidade em sala ou não é feito de modo habitual (46%). Em ambas as escolas, as principais dificuldades relacionam-se a disciplina ministrada, material de apoio e alunos. As categorias criadas foram “Concepção dos professores sobre os fatores de dificuldades” e “Emergência Zika vírus na educação sexual”. Destacou-se o pouco conhecimento dos alunos sobre a Zika, contudo os professores também demonstraram desconhecer ou não estar conscientes da importância desta discussão. A abordagem de educação sexual ainda é escassa, centrada em áreas de conhecimento e repleta de dificuldades, requerendo o fomento a capacitação docente sobre a temática e seus agravantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual; Professores Escolares; Zika vírus; Adolescentes

SEX EDUCATION AND SEXUALITY OF ADOLESCENTS: PEDAGOGICAL PRACTICE IN TIMES OF ZIKA VIRUS

ABSTRACT

The objective of the study was to identify and analyze teachers' difficulties in approaching sex education, as well as the relevance in discussing the Zika virus in this context. It is a quantitative-qualitative research in which 50 teachers from two state public schools of Sergipe participated, who answered a semi-structured questionnaire. Content analysis was used to create the categories and Fisher's exact test to verify the relationships between the variables that comprised the difficulties factors of approaching sex education in the classroom between the two schools. The results showed that 38% of teachers do not approach the topic of sexuality in the classroom or it is not done routinely (46%). In both schools, the main difficulties relate to the discipline taught, material support and students. The categories created were "Conception of teachers on the factors of difficulties" and "Emergency Zika virus in sex education". The students' lack of knowledge about Zika was emphasized, but the teachers also demonstrated that they were unaware or not aware of the importance of this discussion. The sexual education approach is still scarce, focused on areas of knowledge and surrounded by difficulties, requiring the motivation for teaching training on the subject and its aggravating factors.

KEY WORDS: Sexual Education; School Teachers; Zika virus; Adolescents.

¹ Enfermeira; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente; Universidade Tiradentes (UNIT). Aracaju, SE. E-mail: fanyaragao.89@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Enfermagem; Universidade Tiradentes (UNIT). Aracaju, SE. E-mail: contatosuelensantos@hotmail.com

³ Acadêmico do Curso de Biomedicina; Universidade Tiradentes (UNIT). Aracaju, SE. E-mail: alef.nascimento.menezes@outlook.com

⁴ Biólogo; Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente; Universidade Tiradentes (UNIT); Pesquisador no Instituto de Tecnologia e Pesquisa; Laboratório de Biologia Tropical; Aracaju, SE. E-mail: rrmadi@gmail.com

⁵ Bióloga; Docente do Departamento de Ciências Biológicas; Instituto Federal de São Paulo (IFSP); Avaré, SP. E-mail: gezasouza@ifsp.edu.br

⁶ Bióloga; Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente; Universidade Tiradentes (UNIT); Pesquisadora no Instituto de Tecnologia e Pesquisa; Laboratório de Doenças Infecciosas e Parasitárias; Aracaju, SE. E-mail: claudiamouramelo@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O espaço escolar é visto como um local propício para o desenvolvimento de ações educativas sobre a sexualidade, transmissão do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), além de desmistificar alguns conceitos e valores que existem em torno dessas temáticas (CHAVES *et al.*, 2014). Desta forma, a figura do professor acaba assumindo a responsabilidade em abordar os diversos pontos de vista acerca da sexualidade, sem emitir juízo, no intuito de auxiliar o aluno a refletir sobre a temática, e assim elaborar a própria opinião, uma vez que os pais muitas vezes não permitem momentos de reflexão (HOLANDA *et al.*, 2010).

A contextualização da sexualidade no ambiente educacional iniciou no ano de 1996, por meio da Lei nº 9.394, onde o Ministério da Educação e Cultura (MEC) começou a estimular a orientação sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) do Ensino Fundamental ao Médio. A intervenção pedagógica tem como proposta articular essa orientação nas diversas disciplinas, sendo conduzida diante das manifestações comportamentais e discurso dos alunos, para favorecer uma abordagem pluralista e interdisciplinar (BRASIL, 1996). Os PCN's foram instituídos para ser um referencial fomentador de reflexão sobre os currículos escolares, como uma proposta a ser decidida pela escola no momento da elaboração dos seus projetos/conteúdos curriculares (BRASIL, 1997).

Com a chegada do Zika vírus na América, as diversas falhas sociais e de políticas públicas de saúde se tornaram perceptíveis, exigindo dos órgãos governamentais o fortalecimento de ações na educação sexual. De acordo com estudo de direitos reprodutivos na exposição do Zika vírus, uma das ações necessárias para prevenção à infecção durante a gravidez é de fechar as lacunas na educação sexual, na justificativa que este vírus além de ser visto como uma epidemia, não se torne um exacerbador da injustiça e desigualdades sociais (ROA, 2016).

A recomendação às mulheres para não engravidar ocorreu a partir do alerta epidemiológico sobre o Zika vírus na América Latina pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) diante dos riscos de conceber bebês microcefálicos e/ou com outras alterações neurológicas (GULLAND, 2016). O receio desta ocorrência fez com que movimentos feministas, somado a outras mulheres situadas em territórios de vulnerabilidade social/política e de fácil contaminação pelo vírus, especulassem o desejo de aborto com mudanças na legislação para este fim, além de melhorias no acesso a métodos contraceptivos (PITANGUY, 2016).

Estudo sobre pedidos de aborto na América Latina relacionado a exposição do Zika vírus, preconizou em um levantamento das solicitações de medicamentos abortivos no site *Women on Web*

(WoW) entre os anos de 2010 e 2016. Os resultados constataram que o Brasil foi o país com uma elevada solicitação de medicamentos, apresentando mais que o dobro de pedidos (1210 solicitações versus 581 solicitações esperadas) dentre os territórios com transmissão autóctone do Zika, após a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) alertar sobre a presença do vírus na América Latina (AIKEN *et al.*, 2016).

Neste cenário de vulnerabilidades a saúde sexual e reprodutiva pela presença do Zika vírus, nota-se a importância da abordagem da educação sexual na escola para promoção a saúde. Entretanto, a inclusão da orientação sexual como tema transversal ainda se encontra como discurso oficial, devido às divergências de como interligar a educação e a sexualidade, pelas concepções pré-estabelecidas e os temores existentes nos educadores, além da falta de incentivo e subsídios para que de fato permitam que o assunto seja abordado em sala de aula (SFAIR *et al.*, 2015). Ademais, existem escassos estudos que evidenciam esta abordagem interligada com o Zika vírus, especialmente envolvendo a percepção do professor.

Estudos e estratégias com foco resolutivo nas dificuldades dos professores em discutir a sexualidade em sala de aula, juntamente aos agravos (re)emergentes de saúde, são necessários para a elaboração de um quadro situacional atualizado em relação à temática, com vistas a obter subsídios que fomentem discussões visando a melhoria na criação de redes intersetoriais de formação e ações transversais nas escolas para educação sexual.

Assim, este estudo tem como objetivo identificar e analisar as dificuldades na abordagem da educação sexual em espaço escolar, assim como a relevância da discussão sobre o Zika vírus neste contexto.

2 METODOLOGIA

Realizou-se um estudo com abordagem quali-quantitativa, em duas escolas da rede pública do nordeste brasileiro, uma localizada na Região Metropolitana da capital Aracaju (Escola 1) e a outra no interior do Estado de Sergipe (Escola 2). A escolha do cenário partiu de dois pontos essenciais: relato dos responsáveis técnicos das escolas sobre as limitações na abordagem da educação sexual e a possível presença do Zika vírus/vetor nestes municípios (SERGIPE 2016a; SERGIPE 2016b).

O grupo estudado foi constituído por 53 professores, que totalizavam os profissionais que atendiam aos critérios de inclusão do estudo em ambas as escolas: ministrar aulas nas turmas do 8º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, no modo regular, nos turnos manhã e/ou tarde

e tempo de formação, no mínimo, um ano. Entretanto, três professores se recusaram a participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada durante o período letivo de 2017, por meio de um questionário semiestruturado, que incluiu questões de perfil sociodemográfico e profissional, abordagem da educação sexual e a relevância do Zika vírus na discussão da saúde sexual e reprodutiva. Porém, antes da sua aplicação, o instrumento necessitou ser previamente avaliado, por meio da análise de conteúdo por *expertise*, com 6 profissionais na área da saúde e da educação para verificar sua objetividade, clareza e pertinência em relação aos objetivos propostos, no intuito de corrigir as imperfeições.

Para a análise dos dados quantitativos, utilizou-se o teste Exato de Fisher no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 21.0, no intuito de verificar as relações entre as variáveis que compunham os fatores de dificuldades para abordagem da educação sexual em sala de aula entre as duas escolas, aplicando-se um valor de significância de $p < 0,05$.

As variáveis qualitativas foram organizadas e analisadas seguindo a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). Para garantir o anonimato, os participantes foram identificados por 2 codinomes de corujas existentes na região Nordeste: Murucututu e Coruja-Buraqueira, destinadas respectivamente a Escola 1 e 2, seguido de numeração de acordo com a ordem de análise dos questionários de cada escola. A escolha deste animal se justifica pelo fato de ser o símbolo da sabedoria.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tiradentes, com o parecer nº 1.858.861 (CAAE 58434416.7.0000.5371). Durante o estudo, foram contemplados e resguardados os aspectos éticos e legais, de acordo com a Resolução nº 466/2012.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A faixa etária dos participantes variou entre 24 e 53 anos, com média de 38,9 ($\pm 7,8$) anos, sendo a maioria do sexo feminino (58%, 29) e que afirmavam ser católicos (46%, 23). A formação predominante foi a licenciatura como título máximo (78%, 39) e com 12,7 ($\pm 7,7$) anos de tempo médio de formado.

A distribuição das respostas dos professores sobre as áreas do conhecimento de acordo com o curso de formação e a disciplina ministrada na instituição destacou a área de Ciências Humanas, como maioria de formação do corpo docente (56,8%) e de disciplinas ministradas (64,1%) em relação às áreas de Ciências Exatas e de Ciências Biológicas juntas (43,2% de formação e 35,9% de disciplinas). Além disso, observou-se a necessidade da escola em alocar o professor em mais de uma disciplina,

às vezes fora de sua área de formação, uma vez que os 53 docentes estão distribuídos em 57 disciplinas ministradas.

Com relação à discussão do tema sexualidade (Educação sexual) na escola, os professores foram questionados se o abordavam em sala de aula, sendo que vinte e três (46%) expressaram que na periodicidade “às vezes”, seguida da resposta negativa (38%, 19) e da afirmativa (16%, 8). Em seguida, foram questionados se sentiam dificuldades ao abordar educação sexual em sua prática pedagógica, 60% (30) dos professores afirmaram não sentir empecilhos para abordagem, enquanto que 40% (20) expressaram o “sim” e “às vezes”. Na tabela 1 estão distribuídas as respostas dos professores sobre os fatores de dificuldades para abordagem da educação sexual em sala de aula nas duas escolas avaliadas.

Vale ressaltar que cinco professores, dentre os que afirmaram não terem dificuldades para abordagem, assinalaram algum fator e não justificaram. Observa-se que não houve diferença ($p > 0,05$) entre cidades em relação aos fatores de dificuldades, sendo os principais a “disciplina ministrada”, seguida do “material didático” e “alunos”.

Tabela 1 – Distribuição dos fatores de dificuldades para abordagem da educação sexual em sala de aula, segundo os professores.

Fatores de dificuldades	ESCOLA 1		ESCOLA 2		P
	n	%	n	%	
Pais ou responsáveis legais	3	12,5	3	12,5	1,000
Alunos	4	16,7	4	16,7	1,000
Coordenação da escola	0	0,0	1	4,2	1,000
Material didático de apoio	6	25,0	6	25,0	1,000
Disciplina ministrada	5	20,8	7	29,2	0,740
Valores pessoais	1	4,2	3	12,5	0,609

Fonte: Dados da pesquisa

No contexto escolar, o tema sexualidade é reconhecido como assunto emergente de extrema importância para promover a saúde sexual e reprodutiva aos adolescentes, devendo ser incorporado nos currículos do ensino fundamental ao médio das instituições escolares. Observa-se, porém, que alguns professores deste estudo não exercem a abordagem em sua prática pedagógica, talvez pelo fato de não estarem conscientes ou orientados da inclusão da educação sexual nos conteúdos pedagógicos, conforme preconizado pelo PCN, na perspectiva da interdisciplinaridade e transversalidade (BRASIL, 1997).

A predominância de profissionais da área de Ciências Humanas entre os entrevistados, pode ser um fator que influencia os professores a não trabalharem e/ou não serem despertados para a inclusão dos temas transversais como a educação sexual em seus conteúdos programáticos, provavelmente por não receberem orientações suficientes desta importância ou de como trabalhar em sua formação, e,

durante o seu exercício profissional, nota-se escassas capacitações para este fim. Além disso, observa-se que é comum a não inclusão da temática Educação Sexual nos projetos políticos pedagógicos (PPP), apontando a necessidade de um programa de educação permanente (RUFINO *et al.*, 2013).

Estudos sobre prática pedagógica em educação sexual (HOLANDA *et al.*, 2010; NOTHAFT *et al.*, 2014) corroboram os resultados da presente pesquisa, ao evidenciar que os fatores dificultadores estão relacionados a carência de materiais didáticos para facilitar a abordagem e favorecer a interação entre os envolvidos, a falta de formação adequada (pessoal capacitado), os tabus ou falta de conhecimento da família para auxiliar no processo de aprendizagem e a inexperiência e insegurança dos professores para abordar a temática em sala de aula. Tais dificuldades causam insegurança e até receio em transmitir o conteúdo referente a educação sexual, acarretando na ausência de preparo dos adolescentes para a vivência segura de sua sexualidade.

A análise dos depoimentos possibilitou a criação de duas categorias: “Concepção dos professores em relação aos fatores de dificuldades”; e “Relevância da emergência Zika vírus na educação sexual”.

3.1 CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS FATORES DE DIFICULDADES EM ABORDAR EDUCAÇÃO SEXUAL

Para uma análise mais detalhada em termos quantificáveis e percentuais, apresenta-se na Tabela 2 os dados relativos às justificativas das dificuldades afirmadas pelos professores participantes, que totalizaram em 42 unidades de registro. Ressalta-se que algumas verbalizações continham mais de uma ideia/conteúdo.

Tabela 2: Distribuição das unidades registros, de acordo com as subcategorias formadas diante os relatos dos professores sobre os fatores de dificuldades na abordagem da Educação Sexual.

Temas	Sub-categorias	Unidades de registro	
		n	%
Dificuldades/ Limitações quanto aos pais	1.1 Escasso conhecimento sobre sexualidade	3	7,1
	1.2 Tema Inapropriado ao conteúdo escolar	3	7,1
	1.3 Sexualidade enquanto mito e tabu	2	4,8
Subtotal		8	19,0
Dificuldades/ Limitações quanto aos alunos	1.4 Valores culturais e religiosos tornam o tema um tabu	4	9,5
	1.5 Não possui maturidade para a abordagem	4	9,5
	1.6 Sexualidade enquanto um tema constrangedor	2	4,7

	1.7 Sexualidade enquanto tema é desinteressante	2	4,7
	1.8 Possuem conceitos equivocados sobre a temática	1	2,3
Subtotal		14	30,7
Dificuldades/ Limitações quanto à coordenação	1.9 Fragilidade nas relações entre pais coordenação no abordar do tema	1	2,3
Subtotal		1	2,3
Dificuldades/ Limitações quanto à disciplina ministrada	1.10 Disciplina inapropriada para contemplar a temática	8	19,4
	1.11 Desinteresse do professor ao tema	1	2,3
Subtotal		9	21,7
Dificuldades/ Limitações quanto ao material didático de apoio	1.12 Tema não apropriado para o material didático da disciplina	3	7,1
	1.13 Escassez de material didático de apoio adequado ao tema	4	9,5
	1.14 Material escasso pelo tema não ser incluso no conteúdo programático ou PPP da escola	1	2,3
Subtotal		8	18,9
Dificuldades/ Limitações quanto aos valores pessoais dos professores	1.15 Tema constrangedor para abordagem	3	7,1
Subtotal		3	7,1
TOTAL		42	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Observou-se que os professores, ao trabalhar em sala de aula a temática da Educação sexual, possuem dificuldades principalmente relacionadas ao corpo discente e seus valores culturais e religiosos (9,5%) ou sua não maturidade para a discussão do assunto (9,5%), como pode ser observado nos seguintes discursos:

“Infelizmente o tema é tratado de maneira superficial, pois tanto os alunos [...] não estão preparados para uma educação sexual por conta da cultura e escolaridade.” (Coruja-Buraqueira 10)

“[...]Os alunos não têm maturidade durante abordagem” (Murucututu 19)

“Os alunos interpretam de forma equivocada, com brincadeiras, etc” (Coruja-Buraqueira 18)

A família surge nas expressões dos professores como fator dificultador para a efetivação da educação sexual na escola, fazendo com que esta deixe de ser um instrumento de apoio para a realização do processo de aprendizagem, pelo fato do tema ser visto como inapropriado ao conteúdo

escolar (7,1%) e pelo despreparo mediante ao escasso conhecimento à temática (7,1%), como revelam os seguintes discursos:

Alguns pais por falta de conhecimento, não aceitam que esses temas sejam abordados em sala de aula [...] (Coruja-Buraqueira 15)
Muitas vezes a família do aluno (...) interpreta mal algumas colocações. (Murucututu 10)

Entende-se que trabalhar os conteúdos desta temática e suas especificidades no ambiente escolar é ainda considerado delicado por ser repleto de preconceitos e tabus, devido a influências externas de aspectos históricos, sociais e até religiosos dos pais e alunos. Além do mais, o professor também tem suas concepções em relação à sexualidade oriundas de uma cultura repleta de equívocos e tabus e de experiências pessoais bem-sucedidas ou não, comprometendo a abordagem em sala de aula sobre o assunto (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Outro fator inquietante relaciona-se a percepção de professores se sentirem inabilitados em vincular a sua disciplina à temática em sala de aula (19,4%), provavelmente por exigir um conhecimento não habitual a sua área de formação, ou pelo fato de não possuir meios didáticos que viabilizem esta abordagem:

[...] e a disciplina a qual ministro não tem muita relação com esses temas.” (Coruja-Buraqueira 5)
“A disciplina a qual possuo formação não permite entrar no assunto [...]” (Murucututu 4)

Em relação ao material didático, os professores mostraram que existe escassez de material de apoio adequado à temática (9,5%) que possa garantir condições favoráveis à prática docente, facilitar a aprendizagem do aluno e superar lacunas deixadas pelo ensino. A ausência da temática nos livros didáticos utilizados nas diferentes disciplinas também acaba dificultando a difusão da teoria com a prática, já que o tema é considerado não aderente ao material didático de disciplinas específicas (7,1%):

“Ainda existe uma carência de material didático que abordem de forma simples e produtiva o tema de sexualidade.” (Coruja-Buraqueira 6)
“Os livros didáticos de matemática não abordam o tema de maneira consistente e constante, resumindo-se a apresentação de algumas questões de estatística como proposta de atividades para os alunos.” (Coruja-Buraqueira 17)

Levando-se em consideração os discursos dos professores sobre o material didático de apoio, chama atenção uma *fala* sobre a não inclusão da temática no conteúdo programático ou no Projeto Político Pedagógico (PPP) como se preconiza no PCN:

Já o que se refere ao material didático, é uma problemática da rede de ensino por conta da falta de inclusão da educação sexual nos conteúdos programáticos ou no PPP das escolas (Murucututu 3)

Cabe salientar que alguns professores se consideram como barreiras na explanação da temática, já que muitos trazem concepções sobre o assunto do reflexo da sua formação cultural e familiar no qual construíram seus valores pessoais morais, sendo assim, destaca-se a manifestação da Coruja-Buraqueira 6 sobre não se sentir à vontade em promover uma conversa com os seus alunos:

“Os valores pessoais próprios [...] apresentam-se como barreiras ao diálogo sobre educação sexual.” (Coruja-Buraqueira 6)

Ademais, o discurso da Coruja-Buraqueira 10 evidencia que, em espaço extra-sala de aula, a dificuldade que o professor enfrenta para abordar educação sexual pode ser decorrente da frágil relação entre coordenação e pais, visto que o conteúdo é fator causador de indisposição:

“Com relação a coordenação é para não se indispor com os pais.” (Coruja-Buraqueira 10)

As circunstâncias expostas acima demonstram que nem todos os professores conseguem abordar o tema em suas práticas pedagógicas diante das dificuldades entrelaçadas. Mediante isso, atribuem este exercício a outros profissionais, como os da área da Biologia/Ciência, visto ser uma disciplina apropriada e aderente ao tema, conforme pode ser visualizado nas seguintes falas:

“[...] talvez os colegas de Ciências e Biologia tenham mais tempo, já que certamente seus conteúdos estão direcionados a esses temas” (Coruja-Buraqueira 14)
“Concordo, desde que seja específico a uma disciplina, por exemplo Ciências ou Biologia.” (Coruja-Buraqueira 1)

No entanto, apesar das dificuldades, alguns professores de diferentes disciplinas têm desenvolvido estratégias para abordar a educação sexual no ambiente escolar, por meio de ações transversais em sua prática pedagógica, como evidenciado nas seguintes expressões:

“Aproveito conteúdos quando de reprodução para abordar um pouco sobre educação sexual, mas de forma não muito abrangente.” (Murucututu 8)
“Quando trabalho as temáticas relacionadas a população brasileira e mundial e o conteúdo da África abordo essas questões.” (Coruja-Buraqueira 4)

Entretanto, proporcionar educação sexual na escola envolve conhecimentos específicos, habilidades didáticas, disponibilidade e afinidade do professor para abordar o assunto. Estudo realizado com 30 professores de escola municipal em Porto Velho-RR verificou nos núcleos de sentido a sensação do despreparo e insegurança para abordagem da temática que pode, em determinadas situações, levar os educadores a desviarem do assunto, a simularem que não ouviram determinadas questões por não possuírem embasamento teórico-científico para suprir a necessidade dos adolescentes e jovens (PINHEIRO *et al.*, 2017). Dessa forma, faz-se notório o despreparo dos docentes em relação a temática específica.

A falta de preparo ou de sensibilização propicia aos professores a transferência de responsabilidade da abordagem para outros profissionais que são considerados competentes para a discussão. Neste sentido, no presente estudo notou-se a tendência de dar à sexualidade um enfoque biológico, demonstrando que a abordagem parece vinculada a um campo de saber específico, seguindo o modelo disciplinar, no caso o campo das ciências biológicas e naturais, que prioriza ensinamentos que envolvem as questões do corpo e seu funcionamento, enquanto os outros aspectos subjetivos e socioculturais são poucos abordados em sala. No entanto, este modelo biológico e preventivo empregado não atende às experiências e expectativas dos adolescentes (BARROS; RIBEIRO, 2012).

Como as questões de saúde são inter-relacionadas à educação, uma vez que se constituem em pilares para sobrevivência e bem-estar humano, torna-se de extrema necessidade a educação sexual na perspectiva da prevenção da infecção na ambiência do Zika vírus. Entretanto, de acordo com Marinho *et al.* (2015), um dos desafios é reconhecer “saúde” como conteúdo de ensino transversal, bem como a sua implementação em um trabalho interdisciplinar em uma dada organização curricular historicamente construída, no qual implica uma mudança na perspectiva do currículo escolar e o desenvolvimento da cultura da transversalidade.

A epidemia do Zika vírus aponta a necessidade do *pensar sistêmico em rede*, de forma descentralizada, colocando-nos diante de temas emergentes e transversais, que, antes de pertencerem a determinados territórios do saber, ultrapassam fronteiras com ideias transdisciplinares na Saúde Coletiva somadas aos olhares macro da Epidemiologia e sociais das Ciências Sociais/Humanas (CARNEIRO, 2017). Os temas transversais dispostos no PCN propõem que a sexualidade, assim como outras questões sociais e/ou atuais devem estar presentes nas discussões realizadas no ambiente escolar, pois as mesmas são parte do cotidiano dos educandos e, portanto, estão sendo vivenciadas pelos adolescentes (BARROS; RIBEIRO, 2012). A realidade da prática pedagógica, no entanto, revela o não cumprimento dos objetivos preconizados pelo PCN.

3.2 RELEVÂNCIA DA EMERGÊNCIA DO ZIKA VÍRUS NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Esta categoria foi formada por sete subcategorias distribuídas em cinco temas, que totalizaram em 36 unidades de registro, destacando-se com relevância à discussão, o escasso conhecimento dos alunos sobre o Zika vírus e a de conscientizar os alunos sobre as medidas de preventivas/controladas (abordagem educativa/conscientização) e a relação causal do vírus com a microcefalia (risco de transmissão) (Tabela 3).

Tabela 3: Distribuição das unidades registros, de acordo com as subcategorias formadas diante os relatos dos professores sobre a relevância da emergência Zika vírus na educação sexual. Sergipe, 2017.

Temas	Subcategorias	Unidades de registro	
		n	%
1 Abordagem educativa / conscientização	1.1 Escasso conhecimento dos alunos sobre o Zika	11	30,6
	1.2 Conscientizar os alunos sobre as medidas preventivas/controlé	8	22,2
2 Risco de transmissão / infecção	2.1 Relação causal com a microcefalia na gestação	8	22,2
	2.2 Possibilidade de Transmissão sexual	5	13,9
3 Saúde Pública	3.1 Tema de Importância à saúde pública	2	5,5
4 Ausência de relação Zika vírus e educação sexual	4.1 Tema não está relacionado à educação sexual	1	2,8
5 Ausência de relevância à disciplina	5.1 O tema não tem relevância à disciplina ministrada (Geografia)	1	2,8
Total		36	100

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria das falas dos professores expressou sua opinião sobre a relevância da inserção do Zika vírus na educação sexual, por ser esta uma abordagem educativa (30,6%) e informativa voltada para alunos em primeira instância e sociedade de forma mais abrangente, visto ser uma nova doença emergente e recém descoberta no Brasil, além de ser um meio de conscientizar sobre as formas de infecção, medidas preventivas e de controle ao Zika e o seu vetor, *Aedes aegypti*, além das consequências a saúde, como pode se verificar nas seguintes falas:

“Acho de extrema importância porque traz a informação sobre os cuidados a serem tomados, o que muitas pessoas desconsideram ou julgam pequenos.” (Murucututu 10)
“Por se tratar de um vírus recentemente descoberto em nosso país cujas consequências/ sequelas da enfermidade são poucas conhecidas, acho extremamente relevante a abordagem sobre o tema.” (Coruja-Buraqueira 2)

A relevância do Zika vírus foi mencionada por alguns professores devido ao risco de infecção no período gestacional causar a microcefalia congênita (22,2%), cujo quadro clínico se apresentou como uma das consequências mais nefastas e com impacto à saúde sexual e reprodutiva da mulher, conforme pode ser visualizado a seguir:

“É interessante, já que muitos estudos indicam que o Zika vírus está relacionado com a microcefalia em bebês de mães picada pelo mosquito.” (Coruja-Buraqueira 5)
“De extrema importância, pois é o assunto bastante noticiado nos últimos meses pelo fato da relação da doença com o problema da microcefalia.” (Coruja-Buraqueira 13)

Na fala de alguns professores destacou-se a importância de se abordar o tema Zika vírus em sala de aula, não apenas pelo potencial de prevenção das sequelas oriundas de uma gestação concomitante com a infecção viral, mas também pelo aspecto da atenção e cuidados (especialmente preservativos) relacionados às práticas sexuais:

“Muito relevante sendo esse um vírus que possivelmente é transmitido através da relação sexual sem proteção.” (Coruja-Buraqueira 15)

“Relevância total, haja visto, pode ser transmitido via sexual.” (Murucututu23)

Em 2016, no auge da epidemia de Zika vírus, o Jornal Folha de São Paulo divulgou uma matéria destacando o relato da pesquisadora Andrea Gamarnik sobre a necessidade do Governo em oferecer educação sexual na campanha de Zika, justificando que a recomendação do ministro da saúde às mulheres para não engravidarem torna-se uma mensagem vazia, pelo fato da maioria das vítimas do Zika com bebês microcefálicos residirem em lugares onde há pobreza, além de escassos recursos, sendo que o mais importante seria investir em educação sexual e programas para evitar a gravidez indesejada (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

Um das principais preocupações a nível nacional/internacional em relação a circulação do Zika vírus em território, é a sua capacidade heterogênea de transmissão ao homem, pois além do *Aedes sp.* como principal transmissor da infecção, existem evidências por transmissão sexual. Em 2011, surgiu a primeira evidência científica da transmissão via contato sexual, na qual um indivíduo adulto do sexo masculino com sintomatologia foi infectado três anos antes no Senegal, e, ao retornar a sua residência nos Estados Unidos transmitiu a infecção viral a sua companheira por meio de relações sexuais desprotegidas (FOY *et al.*, 2011). Após essa evidência, outros estudos corroboraram com esta possibilidade (D'ORTENZIO *et al.* 2016; DECKARD *et al.* 2016).

Importante ressaltar que os resultados relacionados à relevância da emergência do Zika vírus na educação sexual, alertam sobre a desconsideração ou falta de conhecimento dos professores sobre os diversos aspectos sociais e de saúde que emergiram ou se tornaram mais evidentes na presença do Zika vírus, especialmente por evidenciarem seu escasso conhecimento sobre a relação entre o vírus e a educação sexual, assim como do entendimento da ausência de relevância do tema a sua disciplina:

“Não sei bem seu estigma social, mas suponho que vale a pena sim esclarecer em sala de aula o assunto Zika vírus.” (Coruja-Buraqueira 18)

“Acho que, ou melhor, acredito que o Zika Vírus não está ligado a este tema.” (Murucututu 15)

“Na disciplina de Geografia, nenhuma” (Coruja-Buraqueira 1)

Ademais, seis professores preferiram não responder à questão e quatro não responderam especificamente o solicitado. Essa situação pode interferir (in)diretamente no comportamento responsivo e preventivo ao Zika vírus:

“Não posso opinar, pois não estou instruída sobre o assunto.” (Murucututu 9)

Ainda se observa desconhecimento dos professores sobre as possíveis formas de transmissão, consequentemente diminuindo a possibilidade de transmitir informações coerentes e precisas aos adolescentes neste momento epidemiológico de emergência e agravos à saúde. Embora a epidemia do vírus Zika vírus esteja em declínio, as gestantes em grande parte das Américas permanecem em risco devido a potencialidade de infecção viral ao feto podendo comprometer o desenvolvimento motor e cognitivo (WALKER *et al.* 2019).

Nesse sentido, emerge o questionamento: os nossos professores estão preparados para levantar em sala de aula a discussão de problemas emergentes e sociais oriundos de uma sociedade contemporânea? A emergência do Zika vírus se revelou ser mais que um suposto "problema oriundo de mosquitos" como foi suposto com a sua chegada ao continente americano, restringindo as intervenções ao uso de fármacos e outras tecnologias químicas e biológicas. Esta chegada trouxe à tona complexos problemas sociais, políticos e educacionais, além das falhas no sistema de controle e prevenção de doenças negligenciadas, além de evidenciar a vulnerabilidade das políticas de saúde reprodutiva do Brasil.

A educação tem sido apontada como um dos melhores instrumentos neste cenário desafiador da epidemia e pós-epidemia, principalmente por haver uma rede assistencial pouco preparada para o suporte. Estudo realizado com 56 adolescentes do ensino médio em Araguaia-MT sobre postergação da maternidade e paternidade na adolescência em épocas de Síndrome congênita do Zika vírus evidenciou que apesar dos participantes terem ciência das consequências da infecção viral, mostraram-se indiferentes ao assunto como se fossem imunes e não vivessem em área de risco. Todavia, após o processo de intervenção, os mesmos participantes se mostraram mais atentos à necessidade de adotarem medidas preventivas e uso de métodos contraceptivos, expondo a fragilidade da assistência à saúde reprodutiva desses adolescentes (COUTO *et al.*, 2018).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem recomendado a ação de programas de saúde para fornecer informações sobre os riscos de transmissão do vírus, aconselhamento sobre práticas sexuais seguras e o acesso aos métodos contraceptivos. Essas recomendações na ambiência do Zika vírus se tornam essenciais, pelo fato dos adolescentes estarem iniciando suas atividades sexuais cada vez mais precocemente, tornando-se vulneráveis à aquisição de doenças transmitidas sexualmente e gravidez indesejada. Segundo Jo, Kim e Choi (2018), as políticas de saúde devem ser desenvolvidas para

promover motivação a saúde e prevenção ao Zika vírus, considerando os fatores associados as atitudes e comportamentos como gênero e nível escolar, principalmente as mulheres mais jovens e de baixa escolaridade.

Estudo realizado com adolescentes grávidas evidenciou que 54% destas não utilizaram nenhum método contraceptivo na primeira relação sexual; todavia 40% já faziam uso frequente de algum método anticoncepcional antes de engravidar, demonstrando o uso indevido desses métodos. A respeito do método contraceptivo eficaz para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, 82% responderam que o preservativo masculino é o mais eficaz, porém 8% não souberam responder e 4% responderam que todos os métodos seriam eficazes (DUARTE *et al.*, 2012).

Como perspectiva, haja vista a necessidade da intersetorialidade da saúde e educação para o desenvolvimento do trabalho de educação sexual, visto que a temática demanda uma interpelação extensiva, inclusive no sentido de elaborar e formar uma rede integrada e interdisciplinar entre órgãos gestores, organizações civis, saúde e instituições de ensino superior, de caráter sistemático e contínuo, favorecendo um (re)conhecimento do assunto e da sua importância pelos educadores, almejando a buscados direitos humanos e sociais e a construção ética da cidadania (ALMEIDA *et al.*, 2011).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ambiente escolar, a abordagem de conteúdos que envolvem a sexualidade certamente motiva muitos educadores à discussão, e ao mesmo tempo pode ocasionar inquietação e apreensão em outros a depender de seus tabus e preconceitos firmados. Entretanto, vale ressaltar que o momento histórico de epidemias em que vivemos nestes últimos anos, o surto do Zika vírus no Brasil e agravantes a saúde se mostra favorável e necessário para discussões dessa temática na conjuntura da escola com os adolescentes.

Por meio dos resultados, verificou-se que a formação dos professores e as disciplinas ministradas são predominantemente na área das Ciências Humanas. Alguns afirmaram às vezes trabalhar ou não a educação sexual em sala de aula, mostrando que a abordagem da educação sexual não ocorre como preconizada pelo PCN, além de evidenciarem dificuldades para a abordagem, destacando-se a afirmação de não conseguir vincular a disciplina ministrada com a temática, a falta de material didático de apoio e a imaturidade dos alunos durante as discussões.

Os resultados do estudo mostraram ainda que há uma grande lacuna entre o idealizado e o real, pois como identificado, temas como a educação sexual é cercada de tabus e preconceitos e ainda os professores persistem no planejamento das suas aulas de acordo com os conteúdos das disciplinas,

que pode ser reflexo da falta do tema ser incluso no PPP das instituições e pela insegurança para abordar, transferindo a responsabilidade para as disciplinas das ciências biológicas pela facilidade em vincular nos seus conteúdos os aspectos biológicos. Tal situação aponta que a abordagem ainda é ligada a questões culturais, a falta de preparo durante a formação docente ou sensibilização quanto a importância do assunto.

Ao serem questionados sobre a relevância do Zika vírus na educação sexual, a maioria enfatizou a relação causal com a microcefalia, o desconhecimento dos alunos e da sociedade sobre o vírus e a necessidade de conscientização à prevenção. Entretanto, trouxe à tona a fragilidade deles como fontes de informação e agentes reflexivos na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, devido ao desconhecimento ou a falta de conscientização de alguns sobre a relevância do Zika na educação sexual.

Considera-se urgente a necessidade de proporcionar aos professores condições de ampliar e reciclar seu conhecimento, por meio de programas de atualização e capacitação direcionadas a sexualidade e seus agravantes. Além disso, mostra a urgência na articulação de esforços entre o setor da saúde, principalmente os das Unidades Básicas de Saúde, com a educação, para que atue de maneira sistemática e participativa na educação sexual dos adolescentes, tentando garantir sua saúde sexual e reprodutiva.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Apoio à Pesquisa e a Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (Fapitec) pelo apoio financeiro (Edital CAPES/FAPITEC n. 05/2014 Núcleo de CTI na Educação Básica).

REFERÊNCIAS

AIKEN, A. R.; SCOTT, J. G.; GOMPERS, R.; TRUSSELL, J.; WORRELL, M.; AIKEN, C. E. Request for Abortion in Latin America Related to Concern about Zika vírus Exposure. **New England Journal of Medicine**. v. 375, n. 4, p. 396-398, 2016.

ALMEIDA, S. A.; NOGUEIRA, J. A.; SILVA, A. O.; TORRES, G. V. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? **Revista Gaúcha de Enfermagem**. v. 32, n. 1, p. 107-113, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2010.

BARROS, S. C.; RIBEIRO, P. R. C. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Electronica de Enseñanza em Ciencias**. v. 11, n. 1, p. 164-187, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília. 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 9 set. 2017

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em: 9 set. 2017.

CARNEIRO, R. G. Zika, uma agenda de pesquisa para (o pensar) nas Ciências Sociais e Humanas em Saúde. **Interface (Botucatu)**. v. 21, n. 63, p. 753-757, 2017.

CHAVES, A. C. P.; BEZERRA E. O.; PEREIRA M. L. D.; WAGNER W. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 67, n. 1, p. 48-53, 2014.

COUTO, D. S.; ALVES, J. S.; RODRIGUES, K. S. L. F.; PEREIRA, Q. L. C. Postergação da maternidade e paternidade na adolescência em época de Síndrome congênita do Zika vírus. **Journal Health NPEPS**. v. 3, n. 1, p. 281-288, 2018.

DECKARD, D.T.; CHUNG, W.M.; BROOKS, J.T.; SMITH, J.C.; WOLDAL, S.; HENNESSEY, M.; KWIT, N.; MEAD, P. Male-to-Male Sexual Transmission of Zika Virus-Texas, January 2016. **Morbidity and Mortality Weekly Report (MMWR)**. v. 65, n. 14, p. 372-374, 2016

D'ORTENZIO, E; MATHERON, S.; DE LAMBALLERIE, X.; HUBERT, B.; PIORKOWSKI, G.; MAQUART, M.; DESCAMPS, D.; DAMOND, F.; YAZDANPANAH, Y.; LEPARC-GOFFART, I. Evidence of sexual transmission of Vírus Zika. **New England Journal of Medicine**. v. 374, n. 22, p. 2195-2198, 2016.

DUARTE, C. F.; HOLANDA, L. B.; MEDEIRO, M. L. Avaliação de conhecimento contraceptivo entre adolescentes grávidas em uma unidade básica de saúde do Distrito Federal. **Journal of the Health Sciences Institute**. v. 30, n. 2, p. 140-143, 2012.

SILVA, A. **Governo deveria dar educação sexual na campanha de zika, diz pesquisadora**. Folha de São Paulo; 2016 Mar 26. <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2016/03/1754162-governo-deveria-dar-educacao-sexual-na-campanha-de-zika-diz-pesquisadora.shtml>

FOY, B. D.; KOBYLINSKI K. C.; CHILSON FOY, J. L.; BLITVICH, B. J.; TRAVASSOS DA ROSA, A.; HADDOW, A. D.; LANCIOTTI, R. S.; TESH, R. B. Probable non-vector-borne transmission of Zika virus, Colorado, USA. **Journal of Emerging Infectious Diseases**. v. 17, n. 5, p. 880-882, 2011.

GULLAND, A. Zika vírus is a global public health emergency, declares WHO. **BMJ**. v. 352, p. i657, 2016.

HOLANDA, M. L.; FROTA, M. A. F.; MACHADO, M. F. A. S.; VIEIRA, N. F. C. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**. v. 15, n. 4, p. 702-708, 2010.

JO, S.; KIM, Y.; CHOI, J. S. Influencing factors on preventive health behaviors for Zika virus in pregnant women and their partners. **Journal of Clinical Nursing**. v. 28, n. 5-6, p. 894-901, 2019.

MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A.; FERREIRA, M. A educação em saúde como proposta transversal: analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais e algumas concepções docentes. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. v. 22, n. 2, p. 429-443, 2015.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolassegundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

NOTHAFT, S. C. S.; ZANATTA, E. A.; BRUMM, M. L. B.; GALLI, K. S. B.; ERDTMANN, B. K.; BUSS, E.; SILVA, P. R. R. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: Possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**. v. 18, n. 2, p. 284-289, 2014.

PINHEIRO, A. S.; SILVA, L. R. G.; TOURINHO, M. B. A. C. A estratégia saúde a família e a escola na Educação Sexual: Uma perspectiva de intersectorialidade. **Trabalho, Educação e Saúde**. v. 15, n. 3, p. 803-822, 2017.

PITANGUY, J. Os direitos reprodutivos das mulheres e a epidemia do Zika vírus. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 32, n. 5, e00066016, 2016.

ROA, M. Zika vírus outbreak: reproductive health and rights in Latin America. **The Lancet**. v. 387, n. 10021, p. 843, 2016.

RUFINO, C. B.; PIRES, L. M.; OLIVEIRA, P. C.; SOUZA, S. M. B.; SOUZA, M. M. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem [Internet]**. v. 15, n. 4, p. 983-91, 2013.

SERGIPE. Secretaria de Estado de Saúde. **Endemias: Regional de Aracaju é orientada sobre arboviroses, esquistossomose, raiva e leishmaniose**. 2016a. Disponível em: <http://saude.se.gov.br/index.php/2016/08/02/endemias-regional-de-aracaju-e-orientada-sobre-arboviroses-esquistossomose-raiva-e-leishmaniose/>. Acesso em: 07 abr. 2017

SERGIPE. Secretaria de Estado de Saúde. **Informe Epidemiológico Nº 34 – Até a semana epidemiológica 29 (17/07 a23/07/2016)**. 2016b. Disponível em: http://saude.se.gov.br/wp-content/uploads/Informe-Semanal-34-micro-dengue-e-Zika_26.07.2016.pdf. Acesso em: 07 abr. 2017

SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde & Sociedade**. v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.

WALKER, C. L.; LITTLE, M. E.; ROBY, J. A.; ARMISTEAD, B.; GALE, M.; RAJAGOPAL, L.; NELSON, B. R.; EHINGER, N.; MASON, B.; NAYERI, U.; CURRY, C. L.; WALDORF, K. M.

A. Zika virus and the non microcephalic fetus: why we should still worry. **American Journal of Obstetrics & Gynecology**. v. 220, n. 1, p. 45-56, 2019.